



# APRESENTAÇÃO


**Cristhiano Aguiar\***

 <https://orcid.org/0000-0003-4334-691X>

**Juliana de Albuquerque\*\***

 <https://orcid.org/0000-0002-6946-3279>

**Eduardo Cesar Maia\*\*\***

 <https://orcid.org/0000-0002-2804-6030>

■ **E**m um dos seus melhores ensaios, “O livro, os livros”, o escritor Italo Calvino (2015, p. 128) afirma: “A leitura abre espaços de interrogação, de meditação e de exame crítico, enfim, de liberdade; a leitura é uma relação com nós mesmos, e não apenas com o livro: como nosso mundo interior, é através do mundo que o livro nos abre”. Já Roland Barthes (2013, p. 163), em seu ensaio “O que é a crítica”, afirma que a crítica literária consiste no diálogo de duas subjetividades, a do autor da obra analisada e a do crítico. E arremata: “a crítica não é uma homenagem à verdade do passado, ou à verdade do ‘outro’, ela é construção da inteligência do nosso tempo”.

Toda obra literária é feita de subjetividade, experiência e conhecimento. A literatura, portanto, abre uma porta de diálogo a fim de que possamos construir uma relação enriquecedora com nós mesmos e com o mundo social à nossa volta. Nesse sentido, reside a importância da crítica: ela é uma parceira inestimável para a rica relação que nossas subjetividades estabelecem com a leitura. Normalmente mais discreta do que outras áreas dentro das humanidades, como a filosofia ou a antropologia, a crítica literária é frequentemente interpretada como produtora de um conhecimento somente circunstancial, haja vista basear-se em

\* Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil. *E-mail*: 1148914@mackenzie.br.

\*\* University College Cork, Cork, Irlanda. *E-mail*: juliana.albuquerque@gmail.com.

\*\*\* Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil. *E-mail*: eduardo.ferreirafo@ufpe.br.

leituras particulares de textos específicos que um determinado universo cultural, em cada momento histórico, considera *literário*. No entanto, ao lidar com a complexidade das obras literárias, a crítica possui uma importante contribuição a dar justamente naquilo que Barthes chamou de “construção da inteligência do nosso tempo”. Impura, a literatura impõe a própria “impureza” à crítica, no sentido de que a convergência de discursos que compõem a tessitura de uma obra exige que a prática crítica aconteça no cruzamento de diferentes campos do conhecimento e metodologias de leitura.

A crítica literária é uma denominação aplicada a procedimentos bastante diversos e, por vezes, contraditórios em seus métodos e finalidades. Historicamente, em função, por um lado, das demandas dos meios públicos de divulgação desse gênero textual (revistas e jornais que divulgam esse tipo de texto para o grande público) e, por outro, dos modismos intelectuais e das influências filosóficas e acadêmicas de cada época, a atividade do crítico é considerada de forma particular e assume pressupostos e objetivos diferentes. Qualquer definição essencialista ou dogmática de crítica literária não leva em consideração o fato incontornável de que a crítica, antes do que uma teoria, é uma prática e, como todas as atividades humanas, desenvolve-se numa dinâmica histórica de acordo com necessidades e demandas circunstanciais e contingentes.

A crítica, como a própria literatura, *não é*, mas *se faz*. A partir desse ponto de vista, a questão da crítica se apresenta não como uma problemática abstrata, uma busca obsessiva por definições últimas, baseada em disjuntivas teóricas, mas como uma série de práticas reais, com seus objetivos específicos. Para repensar a crítica literária e sua função em nosso tempo, devemos partir do entendimento prévio de que a própria prática cultural conhecida como literatura não tem um propósito fixo e imutável: ela participa do jogo social, em que todos os propósitos estão em contínua redefinição.

O presente dossiê pensa novas possibilidades que a crítica literária assume na contemporaneidade. Os artigos desta edição debatem com originalidade e aprofundamento uma série de dimensões críticas no século XXI. Em “Crítica e minoria: considerações sobre o conceito de ‘literatura menor’ e o trabalho da crítica literária”, Isadora Sinay reflete sobre o papel do crítico na discussão a respeito do lugar do escritor minoritário em relação a um cânone que o exclui ou oprime. Em “Estudos culturais e valor literário”, Josias Vicente de Paula Júnior analisa a tensão entre a ideia de valor literário e a proposta metodológica dos estudos culturais: será que ainda faz sentido se falar no valor literário de uma obra levando em consideração que, para os estudos culturais, o componente político desta aparenta ser mais relevante do que o seu componente estético?

“Crise ou esquecimento? O não lugar do conto fantástico na crítica literária brasileira”, por sua vez, realiza uma efetiva contribuição para o campo de pesquisa da literatura fantástica, tema que tem recebido uma especial atenção nas pesquisas acadêmicas na área de Letras em anos recentes. Ao retomar pressupostos da historiografia da literatura brasileira, Antonia Marly Moura da Silva e Francisco Edson Gonçalves Leite problematizam de que maneira, e por quais critérios, o fantástico sofreu um apagamento por parcela da crítica literária do nosso país.

Já em “Crítica insubmissa: Álvaro Lins e a resistência às mistificações da teoria”, a visada historiográfica continua no horizonte. No caso desse artigo, o tema é a história da crítica literária brasileira: Eduardo Cesar Maia Ferreira

Filho reflete sobre a prática da crítica jornalística a partir das contribuições de Álvaro Lins, um dos mais importantes representantes da chamada Crítica de Rodapé. No artigo seguinte, “*Booktubers* e o legado da crítica de rodapé: mediação cultural e impressionismo crítico”, Cristhiano Motta Aguiar propõe uma leitura comparada entre textos da crítica literária dos rodapés literários e os vídeos publicados no YouTube por uma influenciadora digital, em uma reflexão sobre como o conteúdo sobre literatura produzido nas redes sociais pode ser lido enquanto herdeiro de uma determinada tradição crítica brasileira.

A relação entre meios digitais, teorias da comunicação e a noção de consumidores de cultura que também são produtores de conteúdo é igualmente debatida no artigo “*Gatekeeping* e a crítica literária virtual: os leitores-fãs para além da recepção passiva”, no qual Fernanda da Cunha Correia parte do conceito de *gatekeeping*, derivado da Teoria da Comunicação, bem como da ideia de sistema literário tal como formulada por Antonio Candido, para analisar como leitores-fãs assumem uma posição crítica com relação ao que pode ser aceito ou não pelos *fandons*.

Tradição crítica e tradição literária são os temas dos três artigos que encerram nosso dossiê. Em “A função da crítica: Matthew Arnold e Oscar Wilde”, Fábio Waki examina como Arnold e Wilde vislumbravam a função da crítica na época vitoriana em uma tentativa de aplicar à contemporaneidade ideias relativas tanto à função criativa como à função normativa da crítica literária. No artigo “Machado de Assis: um mestre da crítica (im)possível”, Fábio Andrade propõe uma reflexão sobre o texto “O ideal do crítico” (1865) a partir de um olhar contemporâneo. Por fim, o artigo “O romance como forma adversa: lendo Marques Rebelo com Otto Maria Carpeaux”, de Guilherme Mazzafera, propõe um resgate da perspectiva crítica de Otto Maria Carpeaux com o intuito de analisar a obra do escritor Marques Rebelo.

A riqueza dos debates propostos nos artigos desta edição busca construir um horizonte mínimo do que existe, atualmente, de mais urgente no debate a respeito da crítica literária no século XXI. A partir da crítica literária e da literatura, o presente dossiê busca contribuir para a compreensão da complexidade do nosso tempo presente.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, R. *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CALVINO, I. *Mundo escrito e mundo não escrito*: artigos, conferências e entrevistas. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.